

Capitalismo em crise: a natureza e dinâmica da crise econômica mundial

PLÍNIO DE ARRUDA SAMPAIO JR. (ORG.)

São Paulo: Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2009, 160p.

*MAURICIO DE SOUZA SABADINI**

Um tema intensamente discutido nos últimos anos, tanto no meio acadêmico quanto fora dele, foi a eclosão da crise capitalista e suas características, verificadas na economia mundial pós-2008. Efeitos perversos sobre as esferas da produção e circulação do ciclo do capital global puderam ser sentidos em diversos países ao redor do mundo, afetando diretamente o nível da atividade econômica e, consequentemente, a criação de emprego e renda dos trabalhadores.

Entendida por nós como uma crise capitalista que se manifestou na esfera financeira do capital a partir dos movimentos especulativos dos ativos financeiros, a crise que eclodiu em fins de 2008 apresentou como característica central a expansão significativa do capital fictício a partir dos papéis transacionados nas bolsas de valores. Um “mundo de papéis”, como dizia Marx, que cada vez mais procura formas de remuneração e que ao mesmo tempo pressiona a força de trabalho para aumentar a geração de mais-valia.

A sua eclosão está associada, no plano concreto, a muitas ações políticas e econômicas adotadas ao longo das últimas décadas pelos governantes dos países capitalistas desenvolvidos e subdesenvolvidos, tendo como um dos objetivos facilitar o movimento do fluxo de capitais entre as diversas praças financeiras

* Professor do Departamento de Economia da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Endereço eletrônico: mauriciosabadini@uol.com.br.

do mundo. O processo de liberalização econômica, sobretudo a partir dos anos 1980 do século XX, fez parte, portanto, dessas ações, tendo como um dos pilares a flexibilização da conta de capitais do balanço de pagamentos, da política cambial e das relações de trabalho, todos com intuito de impulsionar a valorização do capital em escala global.

Inauguramos então a primeira década do século XXI sob forte crise capitalista, induzindo inúmeros pesquisadores das diversas áreas da ciência a pensar e elaborar interpretações sobre a mesma, tendo nas categorias marxistas a base de compreensão do objeto em estudo. É nesse contexto que surge este livro, com autores da mais alta importância tanto no meio acadêmico quanto político deste país.

Como destacado na própria apresentação da obra, alguns pontos comuns permeiam as ideias de seus autores. Em primeiro lugar, a perspectiva da luta de classes como fundamento das interpretações; em segundo plano, o entendimento da crise como integrante da natureza contraditória do capital tendo, portanto, de ser compreendida como reflexo das contradições do sistema; e, finalmente, o socialismo como “único horizonte capaz de evitar os processos destrutivos que ameaçam a humanidade” (p.21). Dessa forma, a proposta inicial é a de contrapor-se à visão dominante de que a crise já passou; pelo contrário, fazendo parte da natureza contraditória do sistema capitalista, ela tende a se reproduzir constantemente no ciclo global de reprodução capitalista.

Se por um lado algumas análises homogêneas delineiam as interpretações de alguns autores do livro, por outro, os enfoques utilizados para a interpretação do fenômeno crise são, em certo sentido, variados entre os autores, contribuindo ainda mais para o debate e para a reflexão. A própria estrutura dos capítulos do livro indica essa nossa percepção. Ela está baseada em artigos de pesquisadores das diversas áreas do pensamento, como historiadores, sociólogos, economistas, e apresentam, de forma geral, algumas ideias listadas abaixo.

Em um primeiro artigo, encontramos o “conceito” de crise na obra de Marx e a relação dialética de determinação dos movimentos do capital que implicam, ao mesmo tempo, manifestações e formas diferenciadas das crises. A paralisia na acumulação capitalista se reflete como um fenômeno histórico que encontra suas origens nas próprias contradições das relações existentes nas esferas da produção e da circulação do capital. Tais movimentos, como demonstrado no capítulo 2, provocaram efeitos diretos sobre a esfera do trabalho, onde as consequências destrutivas sobre os seres humanos caminham lado a lado com a intensificação, a precarização e a superexploração do trabalho, além da própria destruição da natureza.

Em seguida, a análise da atual fase do imperialismo, denominada de “capital-imperialismo”, nos indica a fragilização dos movimentos sociais, das organizações sindicais e, conseqüentemente, da classe trabalhadora, num sistema cada vez mais flexibilizado, tendo no Brasil uma integração perfeita à lógica da revitalização dos mecanismos de acumulação e de concentração do capital, sob a direção do

capital portador de juros ou monetário. Não poderíamos deixar de encontrar no livro, fato presenciado no capítulo 4, a compreensão do caráter autoritário da democracia burguesa que se revela uma democracia simulada, estando na superfície dos fenômenos e revelando somente a aparência das leis que regem a sociedade, não desvendando, portanto, a repressão social, política e econômica da dominação capitalista.

A compreensão das crises a partir das ondas longas de expansão capitalista também é abordada na obra, especificamente no capítulo 5, em que o período de expansão dos anos 1980 e 1990 do século XX deu lugar a mobilizações populares nos anos 2000, mobilizações essas que contribuíram para impor certo freio na expansão do movimento capitalista. Também encontramos no livro uma interpretação do papel da América Latina diante da intensificação do trabalho, do jogo especulativo dos mercados financeiros mundiais e da compreensão da dinâmica de exploração entre os países imperialistas e os países atrasados, num contexto em que o capitalismo atual torna-se ainda mais instável e sequioso de acumulação – objeto de interesse central nas relações econômicas internacionais.

Finalmente, no último capítulo, desenvolveu-se uma análise sobre a crise e a revolução, indicando a necessidade de compreender a dinâmica da luta de classes para além das crises econômicas, sendo estas últimas necessárias, mas insuficientes, para uma perspectiva revolucionária. Ao final do texto, são sugeridas algumas condições indispensáveis para o estabelecimento de um rompimento com a ordem vigente atual e o alcance do socialismo.

Resumir em poucas palavras um livro com a dimensão e qualidade que este tem também não é tarefa das mais fáceis, sobretudo porque a riqueza da análise e as informações contidas no mesmo ultrapassam a possibilidade de serem aqui relatadas. Seu objetivo, árduo e de difícil tarefa – o de delinear aspectos teóricos e históricos acerca da crise capitalista atual, bem como pensar os rumos e rebatimentos sobre a classe trabalhadora –, por si só justifica a indicação de que se trata de leitura obrigatória para aqueles que querem compreender a dinâmica transformadora do capitalismo contemporâneo, que se manifesta em crises estruturais e que afeta diretamente a vida de cada ser humano do planeta.

